



MULTIEDUCAÇÃO

TEMAS EM DEBATE

ENSINO FUNDAMENTAL
Artes Plásticas



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

CESAR EPITÁCIO MAIA

Secretaria Municipal de Educação

SONIA MARIA CORRÊA MOGRABI

Subsecretaria

MARIZA LOMBA PINGUELLI ROSA

Chefia de Gabinete

TANIA REGINA BRAGA LATA

Assessoria Especial

SYLVIA REGINA DE MORAES ROSOLEM

Assessoria de Comunicação Social

PAULO CESAR BARBOSA MARTINS

Assessoria Técnica de Planejamento

LUIZA DANTAS VAZ

Assessoria Técnica de Integração Educacional

PAULO CESAR DE OLIVEIRA REZENDE

Departamento Geral de Educação

LENY CORRÊA DATRINO

Departamento Geral de Administração

LUCIA MARIA CARVALHO DE SÁ

Departamento Geral de Recursos Humanos

MARIA DE LOURDES ALBUQUERQUE TAVARES

Departamento Geral de Infra-Estrutura

JOSÉ MAURO DA SILVA

Redação Final

MÁRCIA DOS SANTOS GOUVÊA

Texto 1: O ensino de Artes Visuais**Professores Co-autores**

ANDREA AMORIM PEREIRA
EDNA ALVES MACHADO DOS SANTOS
MARIA LUIZA NUNES VIEIRA
PAULO CESAR MARQUES ASSUMPÇÃO

Professores Colaboradores

BÁRBARA CRIM BACHUR
CRISTINA LABRE DE ARGOLLO E CASTRO
FABIANA FERREIRA DE ALCANTARA
JANETE MARTINS BLOISE
JOSEFA ROSALVA RIBEIRO SANTOS
MARIANE FERNANDES CATANZARO
SILVIA DE HOLLANDA GONÇALVES BASILIO
VALÉRIA MOREIRA DA SILVA

Texto 2: Reflexões sobre o ensino de Artes Visuais nos Ciclos de Formação**Consultor**

ELOÍSA SABÓIA

Agradecimentos

AOS PROFESSORES E ALUNOS QUE NO ENCONTRO DIÁRIO DO ESPAÇO ESCOLAR NOS MOTIVAM PARA A BUSCA CONSTANTE DOS MELHORES CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ.

ÀS COORDENADORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO PELA PARCERIA E CUMPLICIDADE NO DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DA REDE.

À PROFESSORA SONIA MARIA MALTEZ FERNANDEZ (*in memoriam*) PELAS PALAVRAS DE INCENTIVO, PELA CREDIBILIDADE E PELA DEDICAÇÃO INCONDICIONAL À EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS DESSA CIDADE.

Créditos Técnicos**Coordenação Técnico-Pedagógica**

LENY CORRÊA DATRINO
MARILA BRANDÃO WERNECK
NUVIMAR PALMIERI MANFREDO DA SILVA
ANTONIO AUGUSTO ALVES MATEUS FILHO

MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA

CARLA FARIA PEREIRA

Diretoria de Educação Fundamental

MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES DA CUNHA
ANDRÉA PINTO FILIPECKI
JUREMA REGINA A. RODRIGUES HOLPERIN
MÁRCIA DOS SANTOS GOUVÊA
MARCIA MARIA NASCIMENTO CARVALHO
SANDRA MARIA DE SOUZA MATEUS

Acompanhamento Pedagógico

ADRIANA BARBOSA SOARES
ANA LÚCIA DE MORAES BARROS

Equipe de Apoio

MARILENE MARTINS DE C. BARBOSA
SANDRA CONTI PADRÃO
ELIZABETH RAMOS FERREIRA
MARISE DA GRAÇA G. MOREIRA BARBOSA
SELMA REGINA ALVES KRONENBERGER

Revisão

DOUGLAS TEIXEIRA CARDELLI
GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR
SARA LUISA OLIVEIRA LOUREIRO
SONIA MARIA DE SOUZA ROSAS

Criação de Capa e Projeto Gráfico

TELMA LÚCIA VIEIRA DÁQUER
DALVA MARIA MOREIRA PINTO

Fotografia

ARQUIVO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Editoração Eletrônica e Revisão

REFINARIA DESIGN

Supervisão e Produção Gráfica**Impressão**

Aos professores da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

Em 1996, o Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO foi encaminhado a toda Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, tendo como pressuposto “lidar com os múltiplos universos que se encontram na escola” (NCBM, p. 108), buscando a unidade na diversidade.

Na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, procuramos desenvolver um trabalho de qualidade, promovendo a aprendizagem e privilegiando uma proposta que traz para dentro da escola a vida, o dia-a-dia, o mundo. Esse mundo passa por constantes transformações e a escola precisa acompanhar essas mudanças. Por isso, a necessidade de atualização do Núcleo Curricular Básico Multieducação, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais em seus Princípios Éticos, Estéticos e Políticos.

Fazemos parte da história da educação da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. História de uma Rede coordenada por uma Secretaria Municipal de Educação, formada por 10 Coordenadorias Regionais de Educação, abrangendo 1061 Unidades Escolares, 255 Creches, 20 Pólos de Educação pelo Trabalho, 9 Núcleos de Artes, 12 Clubes Escolares, 1 Centro de Referência em Educação Pública, 1 Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos e o Instituto Helena Antipoff – Referência em Educação Especial, compreendendo funcionários, professores e alunos.

É uma história marcada por lutas, sonhos, projetos e que vem objetivando a garantia do acesso, permanência e êxito escolar de todas as crianças e jovens que, como alunos desta rede, têm o direito à livre expressão, à interação com os seus pares, ao diálogo com os professores, direção e outros profissionais, exercitando, assim, a sua cidadania.

Acreditando na democracia é que optamos pela valorização da representatividade como um dos eixos desta gestão, identificada na formação de diversos grupos: Conselho de Dirigentes, Conselho de

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação: O ensino de Artes Visuais.** Rio de Janeiro, 2008. (Série Temas em Debate)

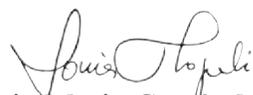
Diretores, Conselho de Professores, Conselho de Alunos, Conselho de Funcionários, Conselho de Responsáveis, Conselho Escola-Comunidade, Grêmios, Comissão de Professores e Representantes dos Coordenadores Pedagógicos.

Desta forma, estabelecemos com a comunidade escolar um processo dialógico, desde 2001. Foram ouvidas múltiplas vozes: da comunidade escolar e das Coordenadorias Regionais de Educação. Expectativas, conceitos, críticas e sugestões foram apresentadas. Foi nosso objetivo instaurar um tempo de gestão participativa, valorizando as muitas experiências que emergem do campo e as histórias do cotidiano dos diversos atores envolvidos no cenário educacional da cidade do Rio de Janeiro.

A partir dos encontros com esses diferentes segmentos, várias sugestões de temas para a atualização da Multieducação foram encaminhadas. Elencamos os temas prioritários, a partir das proposições feitas, sendo aceitos e incorporados às duas séries publicadas: “Temas em Debate” e “A Multieducação na Sala de Aula”.

Dentre as diversas ações da Secretaria Municipal de Educação na produção dos fascículos, destacamos o trabalho dos professores na elaboração dos textos. Sendo assim, houve fóruns de professores da Educação Infantil, Grupos de Estudos dos professores regentes de Sala de Leitura, Grupo de Representantes de professores das diversas áreas do conhecimento do Ensino Fundamental e de professores da Educação de Jovens e Adultos.

Esperamos que a discussão do material produzido continue em todos os espaços das Unidades Escolares, das Coordenadorias Regionais de Educação e nos diversos Departamentos do Órgão Central, permitindo reflexões e conclusões.



Sonia Maria Corrêa Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Processo de elaboração dos fascículos de atualização da multieducação para o ensino fundamental

A atualização do Núcleo Curricular Básico Multieducação nas diversas áreas de conhecimento que compõem o currículo escolar para o Ensino Fundamental foi um processo rico de estudo, reflexão e troca de saberes entre as equipes da Diretoria de Educação Fundamental (DEF), um grupo representativo de professores regentes da Rede e consultores representantes de diferentes instituições de ensino.

Os textos que constituem os fascículos de cada área de conhecimento retratam o diálogo entre teoria e prática, que assume diferentes possibilidades quando são consideradas a identidade de cada área e sua representação no campo do currículo escolar.

Este fascículo é composto de dois textos que tiveram movimentos diferenciados de produção:

- O primeiro texto *O Ensino de Artes Visuais* foi produzido com a participação de um grupo de professores regentes que, junto à equipe da Diretoria de Educação Fundamental, elaborou um texto inicial buscando consolidar teoricamente a importância do ensino dessa área de conhecimento. O texto elaborado foi socializado com outros professores numa ação descentralizada que possibilitou a ampliação do debate acerca de seu conteúdo e de sua adequação aos diferentes contextos de ensino. Esse movimento envolveu diretamente 126 professores regentes e, indiretamente, o corpo docente das Unidades Escolares a qual pertenciam que tiveram suas considerações incorporadas ao texto inicial.
- O segundo texto *Reflexões sobre o ensino de Artes Visuais nos Ciclos de Formação* teve outro processo de produção. Os professores da equipe da Diretoria de Educação Fundamental, dando continuidade ao primeiro texto, porém num contexto diferenciado da Rede, devido à ampliação do Ciclo de Formação para todo o Ensino Fundamental, investiram nos estudos sobre a área do conhecimento e sua representação na formação dos alunos em cada período de desenvolvimento que compõe os nove anos de escolaridade, organizados em três Ciclos de Formação. Fundamentada a importância do conhecimento específico da área num contexto

interdisciplinar, as equipes apresentaram os conceitos fundamentais para o processo de aprendizagem a serem consolidados ao longo do ensino fundamental, atendendo aos diferentes níveis de complexidade, tanto do desenvolvimento do aluno quanto do conceito propriamente dito. O próximo passo foi definir os eixos metodológicos para o desenvolvimento do ensino e, finalmente, foram delineados os objetivos a serem alcançados em cada Ciclo de Formação. A dinâmica dessa produção textual foi compartilhada com consultores externos, de instituições renomadas e com o conhecimento da diversidade dos contextos de ensino da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Com o intuito de ampliar o processo de produção e criar um espaço de interlocução com as equipes técnico-pedagógicas das escolas, foi instaurado um novo movimento de diálogo com os profissionais que atuam nas escolas, elaborando uma publicação intitulada *Documento Preliminar: Objetivos para os Ciclos de Formação*, distribuída para todas as Unidades Escolares. A Diretoria de Educação Fundamental enviou às escolas, por intermédio dos Coordenadores Pedagógicos, um instrumento para análise e registro das considerações sobre os objetivos traçados para cada Ciclo. Configurou-se na Rede um amplo debate que envolveu todas as Coordenadorias Regionais de Educação, totalizando 727 escolas e 12.791 professores. Após a tabulação dos registros, as considerações propostas foram analisadas pelas equipes de cada área do conhecimento, o que promoveu mudanças no documento inicial. Considerando a totalidade da Rede, o percentual de participação alcançado foi bastante significativo. Em março de 2008, as equipes da DEF realizaram encontros com professores regentes, nos quais foram feitos os esclarecimentos das proposições feitas e incorporadas ao texto, consolidando um processo democrático na construção da atualização do Núcleo Curricular Básico Multieducação, no que se refere ao ensino fundamental.

O resultado desse trabalho representa a interface com os saberes que circulam na Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro e convidamos você, professor(a), a participar deste diálogo por intermédio dos textos que constituem esse fascículo.

A organização da escola em Ciclos de Formação traz uma nova concepção de ensino em tempos e espaços diferenciados de aprendizagem e revitaliza as discussões sobre a importância da escola no processo de apropriação dos saberes das diferentes áreas do conhecimento.

Vamos juntos compartilhar os conhecimentos que nos permitirão o exercício do diálogo com a teoria e a prática pedagógica. Vamos juntos ressignificar as práticas e construir todas as possibilidades que permitem vivenciar o currículo Multieducação. Vamos legitimar a troca, a mediação, o trabalho coletivo, o diálogo e a reflexão que nos permitirão evidenciar a qualidade do trabalho dos profissionais de educação e, conseqüentemente, o sucesso escolar.

Maria de Fátima Gonçalves da Cunha
Diretoria de Educação Fundamental

ARTE

INTRODUÇÃO

Na pré-história, arte significava a interação entre o homem e a natureza: transformando-a transformava-se. Na antigüidade, era sinônimo de ofício e pouco se diferenciava da técnica. Na idade média, a expressão artes e ofício designava o trabalho que tinha intenção estética- viadutos e pontes. No século XIX, somente a criação estética passou a ser arte, ou melhor, belas artes. Contudo, da ruptura expressionista – “arte não imita o visível, cria o visível”, conforme pontificou Paul Klee – em diante, sobretudo após Duchamp, arte passou a ser aquilo que designamos arte. Dessa maneira, o conceito de arte, hoje, suplanta os limites que se foram agregando na trajetória de sua evolução, sejam os internos – estilo e gênero – ou externos – formas, modalidades, linguagens. (SOARES, apud SANTANA, 2001)

Pensar sobre arte pressupõe uma reflexão sobre o processo de criação. Criar, representar e estabelecer relações simbólicas fazem parte da natureza humana. Pensar em arte é pensar também em estética, que é um princípio para qualquer uma das linguagens artísticas.

A estética nos remete à idéia de belo, da obra de arte. No entanto, é possível encontrar diferentes manifestações estéticas, que estão condicionadas a determinados contextos sócio-histórico-culturais e não somente s contextos artísticos.

A origem da palavra estética, no grego, está relacionada a uma outra palavra — estesia — que significa possibilidades de percepção a partir dos sentidos, daquilo que estimula sensorialmente, ou seja, que permite estar desperto sensivelmente: o oposto de anestesia.

Sem dúvida, o homem aprende através dos sentidos. A capacidade de ver, ouvir, cheirar, tocar e provar proporciona os

meios pelos quais se realiza a interação do homem com o seu meio. Nessa perspectiva, o indivíduo poderá externar as suas emoções e os seus sentimentos, manifestar seus desejos e refletir criticamente sobre as questões do mundo, produzindo conhecimento.

A experiência é o que nos passa ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca.(LARROSA, apud MARTINS, 1998)

Através das linguagens da Arte, o indivíduo lê e compreende o mundo. Pinturas, músicas, encenações teatrais, coreografias, entre outros, são estímulos que, segundo o pensamento de Stern, significam os “afetos de vitalidade”, que provocam, nos indivíduos, diferentes agenciamentos e múltiplas conexões. São eles, os “afetos de vitalidade”, que nos permitem apreender imediatamente tudo aquilo que nos toca, como, por exemplo, alegria, medo, surpresa e exprimem a potência de vida, a força de afirmação da vida. Os “afetos de vitalidade” seriam o “acesso” à qualidade do que é sentido e a todas as espécies de transformações que se dão a partir daí. (GIL, 2001).

Ensinar Arte, portanto, invoca a percepção estética como princípio fundamental de apreensão, compreensão e fruição do conhecimento.

O Século XX caracterizou-se pela velocidade de informações, inúmeras transformações sociais, artísticas, tecnológicas e culturais. No início do terceiro milênio, essas rápidas mudanças continuam provocando instabilidade, insegurança e incertezas. Quebra de paradigmas e novas concepções estéticas se dão de forma acelerada, sem tempo para maiores reflexões, muito diferente de tudo que vivemos no início do século passado. Passamos de leitores contemplativos para leitores fragmentados e virtuais. Na contemporaneidade, lidar com tais questões é um dos desafios do ensino de Arte na escola.

Nesse caminho, a arte não é apenas um campo diferenciado da atividade social. É, também, um modo de praticar a cultura, trabalhar o sensível e o imaginário, alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo, em função de uma práxis transformadora.

O ensino de Arte, no Município do Rio de Janeiro, definiu historicamente três linguagens: Artes Cênicas, Artes Plásticas e Educação Musical, que devem ser compreendidas como áreas de conhecimento, com suas respectivas especificidades. O professor de uma linguagem da Arte deve estar preparado para desenvolver seu trabalho, adequando-o às possibilidades do contexto. É ele quem intermedia o conhecimento, permitindo a compreensão, a fruição e a produção em arte.

Parafraseando Mirian Celeste, mediar é propiciar espaços de recriação da obra, acreditando no aprendiz, dando crédito à sua voz, seus desejos, sua produção e encontrando brechas de acesso para a percepção criadora e a imaginação especulante, no sentido de ampliar e instigar infinitas combinações, como num caleidoscópio.

Para dar conta de todo esse universo plural que se insere no contexto escolar, a abordagem triangular, trazida por Ana Mae Barbosa, bem como seus desdobramentos é uma opção metodológica que propicia o desenvolver dessa práxis.

Ensinar Arte, na perspectiva da triangulação, significa articular três pontos conceituais:

- ▶ **A contextualização:** o conhecimento da produção artística e estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente.
- ▶ **A leitura da obra:** sua percepção e análise.
- ▶ **O fazer artístico:** sua criação e produção.

Essa aprendizagem se dá quando há uma produção contínua de identificação e resignificação, numa análise crítica e reflexiva, que envolve a produção, a construção e a aplicação do processo de conhecimento.

Construir um currículo para as áreas específicas de Arte é estar conectado com essa pluralidade e suas múltiplas possibilidades pedagógicas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte *“são características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por Arte (e não mais por educação artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados à cultura artística, e não como atividade”*.

Currículo, entendido no sentido amplo, que compreende as manifestações artísticas e culturais da comunidade escolar, do entorno e do macro espaço, considera a pluralidade e a diversidade cultural existentes nos diferentes contextos históricos e suas representações simbólicas como elementos estruturantes da realidade dos sujeitos.

Portanto, entendemos que o ensino de Arte, abordado nessa perspectiva, leva a uma nova ética, no sentido de respeitar e convocar os sujeitos a refletir e construir identidade, compreendendo sua individualidade, como também seu estar no mundo, convivendo com os outros e buscando uma vida mais humana e harmoniosa.

ARTES PLÁSTICAS

TEXTO 1: O ENSINO DE ARTES VISUAIS

As Artes Plásticas, na Rede Pública de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, se caracterizam como disciplina através do ensino de Artes Visuais, dentro do currículo escolar e enquanto área específica do conhecimento.

Não é de hoje que o homem expressa seus sentimentos, valores estéticos, desejos, medos, o sagrado e o profano através da imagem. Nas cavernas, os povos primitivos deixaram suas marcas que nos encham de curiosidade, dúvidas e admiração. (Multieducação, 1996, p.182).

Arte, Vida e Escola

O homem sempre buscou registrar através de imagens suas experiências e impressões. Desde os primórdios, ele sempre sentiu a necessidade de registrar suas idéias, suas observações, suas marcas em paredes, pergaminhos, papéis e outros suportes. A arte é um fenômeno que resulta diretamente dessa busca e que reflete nas mais variadas culturas a interação entre o individual e as transformações históricas, sociais e políticas. Cabe aqui pontuar que a arte não é mero reflexo de um tempo, mais que espelho, ela é interpretação, além de se constituir, também, num dos pilares que sustentam a construção do processo histórico.

Atualmente, dados os desdobramentos dos processos postos em marcha a partir da modernidade e a colocação de novos paradigmas que estruturam o mundo contemporâneo, é de suma importância a instrumentalização do indivíduo para a percepção crítica das diferentes linguagens visuais – pintura, escultura, desenho, gravura, fotografia, instalação, vídeo, cinema, design e os meios digitais, a fim de que não se sinta despotencializado diante de

tantas informações, limitando o seu poder de criação.

O ensino de Artes Visuais na escola, tradicionalmente, tem sido relacionado à habilidade manual ou ao plano meramente decorativo/ilustrativo de si mesmo ou de outras áreas, ficando desse modo restrito a abordagens por atividades isoladas e desvinculada da sua concepção de área de conhecimento. Devemos evitar que seja simplesmente vista como uma área de apoio, em nome da integração das áreas do saber.

As Artes Visuais, assim como todas as demais áreas, com seus conceitos e conteúdos próprios abre caminho para que se elabore o processo de criação. O diálogo das Artes Visuais com as outras áreas deve promover o encontro com novos projetos e a possibilidade de ampliar o conhecimento do aluno, que teria assim uma visão menos fragmentada das áreas de conhecimento.

Perspectiva Histórico-Cultural

Educar o olhar e ler o mundo visualmente são aspectos que estão relacionados às diferentes interpretações de mundo, às diversas abordagens reflexivas e analíticas que uma leitura crítica pode nos fornecer. Aprender arte não é apenas elaborar trabalhos de arte, mas perceber esteticamente o que é produzido por si e pelos outros sujeitos, entendendo o fazer arte como produto histórico e cultural.

Para Vigotsky, o sujeito se constitui como indivíduo através da imersão na cultura e na sua prática social ativa. Multiculturalidade, identidade cultural, estética do cotidiano, postura crítica e valores éticos reconhecidos em sua proposta são essenciais para o entendimento do ensino das Artes Visuais na escola.

Contudo, mesmo preocupado com as questões sociais, políticas e éticas que permeiam a nossa realidade, o ensino dessa área de conhecimento não deve perder de vista a sua dimensão estética, uma vez que essa dimensão, leva também, o indivíduo a se posicionar eticamente diante do mundo.

Produzindo, conhecendo e pensando arte, o homem desenvolve sua percepção, imaginação e sensibilidade, transformando sua

visão de mundo, conscientizando-se de seu papel como agente transformador de sua história, facilitando, também, o fortalecimento das relações sociais do grupo, da comunidade e, conseqüentemente, da sociedade em que se insere. É função do ensino das Artes Visuais o desenvolvimento das potencialidades interpretativas, o que gera a associação de idéias e informações e, portanto, a construção do pensamento.



E.M 04.10.013 Carlos Chagas – Hip Hop – alunos do 7º e 9º anos -
Profª. Maria Luiza Vieira

Educação Multicultural e as Artes Visuais

Analisar a função da Arte nas diferentes culturas favorece as relações de identificação, respeito e valorização das diferenças. Vale lembrar que o processo de constituição de um povo vem impregnado de sentimentos, idéias, propostas e intenções. Valorizar e reconhecer a expressão artístico-cultural de todos os povos e continentes é, também, respeitar a identidade do grupo que compõe o espaço educativo. Não estamos, aqui, desconsiderando os conflitos existentes, mas entendemos que os processos criativos se dão nos momentos de tensão.

Para McLaren, apud Barbosa (2002):

...somente a resistência crítica à dominação cultural pode conduzir o multiculturalismo ao seu verdadeiro caminho de humanização e isso se dará por intermédio do diálogo e da paz. Da mesma forma, a educação multicultural e intercultural deve familiarizar os alunos com as realizações de culturas não dominantes, de maneira a colocá-los em contato com outros mundos, e levando-os a abrir-se para a riqueza cultural da humanidade. (Apud, Barbosa, 2002)

Por meio do conhecimento, podemos ampliar o olhar e a percepção dos sujeitos sobre outras culturas, debatendo com eles temas como preconceito, etnocentrismo, padrões estéticos, estereótipos, exclusões sociais, opressão de minorias/maiorias pela cultura hegemônica e a relação entre essa cultura hegemônica e padrões estéticos.

A diversidade cultural será abordada, buscando-se promover a consciência da não hierarquização entre categorias artísticas supostamente superiores e inferiores (erudito / popular, arte menor / arte maior e artes aplicadas), na perspectiva do diálogo e da inter-relação.

A dimensão pluricultural das Artes Visuais (arte indígena, africana, popular, grafite e outras) também contribuirá para o reconhecimento e valorização da própria cultura, fortalecendo a sua identidade cultural e a consciência ambiental destacadas nos projetos sobre Memória Cultural e Preservação de Patrimônios.



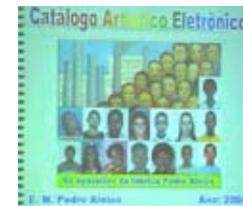
E.M.02.08.009 Madrid – Impressionismo nos Muros – alunos do 9º ano – Profª
Marcia Gouvêa



E.M. 04.11.033 Odilon Braga – Valores – alunos do 6º ano – Profª. Edna dos Santos

significações. Nesse processo, o homem se expressa e transforma a si mesmo e a realidade.

Vivemos numa sociedade de consumo, onde a atuação da mídia como intermediária nos processos de produção e apreciação de imagens é determinante. Faz-se urgente a necessidade de questionarmos com nossos alunos como a visualidade é tratada, utilizada e divulgada nas redes midiáticas, além dos princípios éticos e estéticos e da qualidade que envolvem esses processos. A superficialidade, a alienação, os novos conceitos de tempo e espaço também são questões a serem debatidas, já que produzidas pelos avanços tecnológicos.



E.M.07.34.010 Pedro Aleixo – Computação Gráfica – alunos do 8º ano – Profª. Andréa Pereira

Contemporaneidade e o ensino de Artes Visuais

O atual estágio da modernidade, ao fazer da política do consumo e da globalização seus principais objetivos, traz consigo inevitáveis alterações sociais. As relações humanas tornam-se superficiais, comprometendo toda espécie de engajamento e de postura ética.

No entanto, mesmo diante dessa realidade, é plenamente possível pensar o ensino de Artes Visuais como uma via legítima de reinstauração da dimensão estética no contexto social. Portanto, a função deste ensino é a formação de indivíduos que vejam, sintam e percebam o mundo de maneira sensível; que elaborem idéias e pensamentos; que produzam perguntas e respostas criativas para uma realidade desafiadora - apontando possibilidades de mudança.

O ser humano, através da arte, busca dar sentido, estruturar e organizar o mundo, interpretando a realidade através do seu olhar subjetivo — percebido, imaginado, idealizado, abstraído — construindo sínteses de imagens poéticas, criando novas



E.M. 04.11.053 Herbert Moses – Animação – alunos do 6º ano – Prof. Paulo Cesar Assumpção

Alfabetização Estética e a Leitura de Imagens

Apreciamos o que conhecemos. Dessa forma, conhecer Artes Visuais sugere olhar de observador, leitura perceptiva e interpretativa sobre o objeto visto, sendo capaz de compreender e produzir arte pela sua própria condição de fruidor. Segundo Pillar: (2002):

A educação estética tem como lugar privilegiado o ensino de Arte, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas às crianças, tanto a partir do seu cotidiano como de obras de Arte. Compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a Arte não só como um fazer mas também como uma forma de pensar em e sobre Arte.

Os elementos básicos da linguagem visual e suas relações, que dão origem aos códigos imagéticos e estes a representações e sistemas de significações, mudam através do tempo, visto que estão intimamente ligados ao imaginário da época e da cultura onde se encontram inseridos. Trabalhando com esses elementos, o aluno cria novos significados construindo códigos e poéticas visuais relacionados ao seu tempo.

Nessa perspectiva, a abordagem por conceitos visa orientar a prática metodológica no ensino de Artes Visuais, buscando-se caminhos mais coerentes com a contemporaneidade. Para tanto, entendemos que o nosso aluno não se comporta como “leitor contemplativo”, espectador de seu mundo. Comporta-se muito mais como “leitor fragmentado”, com informações rápidas e recortadas pelas mídias, ou como “leitor virtual”, impregnado e absorvido pela linguagem computadorizada, como nos alerta Santaella (2004).

Realizar o estudo conceitual sobre **Visualidade** reconhecendo-se o **Processo Histórico** da produção artística de uma cultura, percebendo-se o momento político-social e os códigos estéticos dos diferentes movimentos artísticos, parece ser um caminho que favoreça, pela leitura de imagens, a ampliação da leitura de mundo. Leitura essa enriquecida pelo estudo conceitual dos **Elementos Plásticos** que compõem essas imagens, através da análise que decodifica sua plasticidade pelo movimento de cores e formas, linhas e texturas, luz e volume, técnicas e materiais.

E, ainda, o diálogo democrático em sala de aula, onde as diferentes interpretações de uma obra são consideradas, traz para a escola o debate sobre a intencionalidade das imagens que nos chegam pelas mídias, via televisão, outdoors, revistas e jornais. Sabemos que o leitor crítico se “pré-dispõe” a ver realmente, observando com atenção o mundo de visualidades, as suas intenções, lê o que está por traz do visto - o não explícito. Esse movimento nos leva ao estudo conceitual sobre a **Estética da Imagem do Cotidiano**.

Segundo Pimentel (2002):

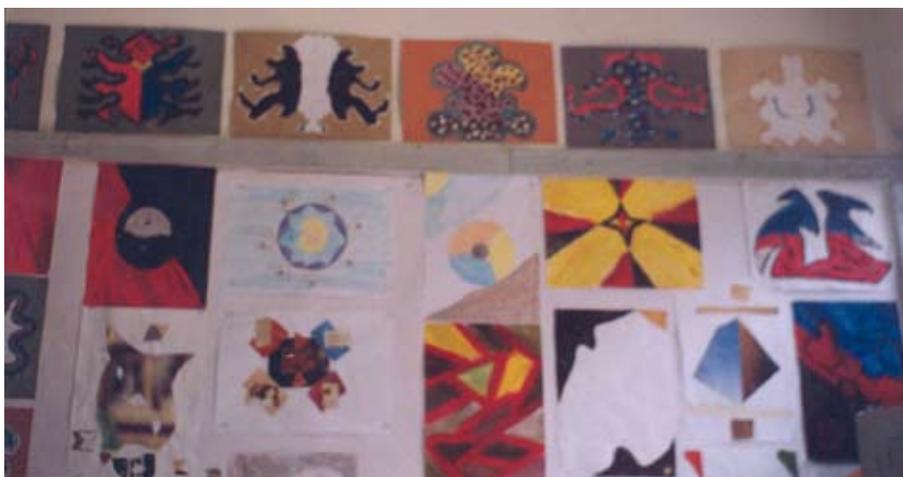
Ser alfabetizado é entender o significado e senti-lo dentro do contexto. É ser atravessado por esse significado, ser perpassado pela experiência pessoal e pelas experiências coletivas. A manipulação de imagens e o diálogo entre os meios “tradicionais” e os eletrônicos permitem o acesso à desconstrução para uma construção outra e, portanto à criação.

A alfabetização visual possibilitada no ensino de Artes Visuais se amplia a partir do reconhecimento das linguagens tecnológicas como cinema, vídeo, fotografia e computação gráfica, e não somente pela leitura da obra consagrada e reconhecida historicamente. Proporcionar a leitura estética das inúmeras produções artísticas existentes poderá favorecer a discussão sobre a qualidade dessas imagens como constituidoras de um fazer artístico em consonância com a estética contemporânea

Nesta concepção, o papel do arte-educador é sem dúvida de extrema relevância, pois cabe ao professor incentivar a “leitura de imagens” individual e coletivamente, provocando questões relativas às visualidades, instigando, enriquecendo e mediando o processo criador dos alunos. O interesse por essas leituras, provocado de forma lúdica e prazerosa, cria um clima de mistério, surpresa, humor e curiosidade. A curiosidade leva à pesquisa e a pesquisa, ao saber mais. A postura pesquisadora assim construída possibilita a futura e permanente construção de conhecimentos e saberes significativos. E, conseqüentemente, a autonomia de pensamentos e idéias que estimulem o ato criador. Esse entendimento deve transitar na escola, fortalecendo-se através das reflexões no Projeto Político-Pedagógico. Segundo Martins et alli (1998):

Não se pode esquecer que mediar implica a presença do sujeito fruidor como um todo. Isso significa não apenas provocar o seu olhar cognitivo, como também conscientizá-lo de todas as nuances presentes na obra ou em sua relação com ela; acima de tudo, promover um contato que deixe canais abertos para os sentidos, sensações e sentimentos despertados, para a imaginação e a percepção, pois a linguagem da arte fala e é lida por sua própria língua. Talvez seja esse o espaço do silêncio externo, com falas internas nem sempre traduzíveis.

Será este mundo de magia e descobertas que criará o encantamento pelo ensino de Artes Visuais no contexto escolar? Será esta viagem pelo universo do imaginário que favorecerá a discussão sobre a relevância desse ensino, suas abordagens e fazeres criativos?



E.M. 04.11.053 Herbert Moses - Exposição – alunos do 6º ano –
Prof. Paulo Cesar Assumpção

Acredita-se que sim, se observarmos o desenvolvimento e a capacidade de transformação dos alunos durante o processo de trabalho ou, ainda, pelas inúmeras produções realizadas, fruto de fazeres artísticos que refletem a possibilidade do sonho, da imaginação e da criação.

ARTES PLÁSTICAS

TEXTO 2: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ARTES VISUAIS NOS CICLOS DE FORMAÇÃO

A gramática da arte é o meio pelo qual experimentamos os significados que as obras destes artistas possibilitam. As obras de arte falam o inefável, cultivam a sensibilidade, para que o sutil possa ser visto, o secreto desvelado. Em resumo, a arte nos ajuda a conhecer o que não podemos articular. À medida que as escolas queiram auxiliar os estudantes a conhecer, as artes tornam-se recursos educacionais potentes. O desenvolvimento da mente e a introspecção são duas contribuições importantes da arte, mas onde está a mágica? Nenhuma análise da arte ou justificativa de seu papel seria adequada se negligenciasse os prazeres da arte em si. A arte tem a capacidade mágica de mandar-nos à lua. (Eisner, apud Barbosa, 2001)

Nossa reflexão será norteada pelas bases teóricas que fundamentam os processos de ensino e aprendizagem na perspectiva das práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento humano. Sabemos, pois, que o homem na sua singularidade participa, interage, comunica, sente e percebe, estabelecendo relações de significação com o objeto conhecimento. Dessa forma, as contribuições científicas abordadas pela neurociência sobre as maturações cerebrais e as redes neuronais vêm fortalecer as concepções filosóficas, psicológicas e pedagógicas que embasam os estudos a respeito das produções artísticas.

Produzindo, conhecendo e pensando arte, o homem desenvolve sua percepção, imaginação e sensibilidade, transformando sua

visão de mundo, conscientizando-se do seu papel como agente transformador de sua história, facilitando, também, o fortalecimento das relações sociais do grupo, da comunidade e, conseqüentemente, da sociedade em que se insere. É função do ensino das Artes Visuais o desenvolvimento das potencialidades interpretativas, o que gera a associação de idéias e informações e, portanto, a construção do pensamento.

Na verdade, o que se propõe é a valorização dos aspectos emocionais, corporais, culturais, históricos e sociais, como também os afetivos entendendo que a Linguagem da Arte pode instrumentalizar o nosso aluno para a compreensão das rápidas e constantes mudanças que o mundo vem sofrendo. Afinal, é preciso reconhecer a função social da escola, na perspectiva da formação humana.

Percebe-se, dessa forma, que os processos de aprendizagem acontecem o tempo todo. Cabe considerarmos que a responsabilidade política e ética do educador da escola pública perpassa também a qualidade do que se ensina, para que e como se ensina. Na resposta a essas questões começamos a entender de que forma o ensino de Artes Visuais pode contribuir para a formação de sujeitos capazes de refletir sobre a intencionalidade das diferentes produções artísticas, sejam as obras consagradas ao longo da história, sejam as imagens produzidas pelas novas tecnologias como a fotografia, vídeo, computação gráfica, animação e as absorvidas e veiculadas contemporaneamente pela mídia e pela indústria cultural como tv, revistas, jornais, outdoors, vídeo instalação e outros.

Compreende-se que os saberes que circulam na escola precisam e devem acontecer de maneira integrada e interdisciplinar como num rizoma . A idéia do conhecimento rizomático em Artes pretende que os saberes ensinados e aprendidos se processem de maneira articulada, pois sabemos que as informações no mundo contemporâneo circulam em rede e que o conhecimento se processa no cérebro pelas redes neuronais.

Com base na reflexão apresentada, estão relacionados a seguir os conceitos que nortearão o ensino de Artes Visuais e seus objetivos para o 1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo de Formação lembrando e considerando as características dos períodos de desenvolvimento, como também, as inserções sócio-histórico-culturais vivenciadas pelos alunos.

Conceitos fundamentais para o ensino de artes visuais

O ensino de Artes Visuais visa a ampliar seus conhecimentos ao inserir em sua práxis o estudo sobre VISUALIDADE. Vivemos num mundo rodeado por imagens, afetado e influenciado pela mídia numa sociedade que privilegia o consumo, na qual a propaganda ocupa um lugar de grande influência. Somos, também, seres sensíveis que necessitam registrar as experiências e impressões vividas já exemplificadas na história através da arte rupestre, na qual se verificam as primeiras manifestações do Grafite. Faz parte do ensino de Artes Visuais na escola uma ampla discussão sobre esses novos significados, seus desdobramentos conceituais, a intencionalidade e a poética desvelada nos textos imagéticos, a valorização da diversidade cultural e o caráter plural das produções, desconstruindo o caráter hegemônico da obra de arte consagrada, reconhecendo assim, as diferentes e novas significações presentes. Perceber novos sentidos e significados para as práticas de sala de aula na perspectiva das estéticas contemporâneas, permite que os alunos reconheçam a relevância do universo multicultural de que fazem parte, possibilitando relações dialógicas para além das diferenças e na perspectiva intercultural, e também o acesso às tecnologias como meio de produção imagética.

- ▶ **Estética da Imagem**
- ▶ **Texto Imagético**
- ▶ **Elementos de Visualidade**

Estética da imagem

Olhar, ver, sentir, perceber e ler uma imagem é antes de tudo ser afetado por ela, é permitir que os nossos **sentidos e cognições** sejam provocados para que os seus **significados** possam ser constituídos. Nesse processo, entendemos a área de Artes Visuais como Linguagem e como tal, área de conhecimento. Compreendemos a imagem como objeto desse conhecimento, seus códigos como

A idéia de rizoma dos filósofos Deleuze e Gattari, palavra que também significa raiz sem um núcleo central, implica numa mudança na estrutura do conhecimento e da comunicação.(Martins, Miriam Celeste.Mediação:Provocações Estéticas.Universidade Estadual Paulista-Instituto de Artes:São Paulo,2005)

signos a serem desvelados e a linguagem visual como um **sistema simbólico de representação**.

Sabemos também que estamos em contato constante com as imagens, principalmente as veiculadas pela televisão, sejam novelas, minisséries, propagandas, filmes, telejornais e diferentes programas e espetáculos. Somos perpassados por valores nem sempre éticos. Mesmo assim, nas práticas de sala de aula, precisamos discutir de que maneira somos afetados. Precisamos provocar esteticamente os nossos alunos para que o corpo sensível dos sujeitos envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem seja despertado e valorizado a partir dos seus sentidos e cognições, visando novas significações decorrentes de seu repertório cultural. Da mesma maneira, promover a apreciação estética em seus aspectos semântico, sintático e expressivo através do contato com as mais diferentes produções artísticas, consagradas ou não, é proporcionar a “nutrição estética” de todos, sensibilizando e instrumentalizando cognitivamente os alunos para que venham a escrever seus próprios textos imagéticos.

Texto imagético

Assim como trabalhar com o conceito estética da imagem nos leva a leitura imagética, pensar em produção artística nos proporciona ampliar a discussão sobre os diferentes fazeres, sua contextualização histórica, social e cultural, seu **aspecto plural** e sua **abrangência multicultural**. Perceber a intencionalidade dessas imagens nos leva a refletir sobre o diálogo que essas produções possibilitam, sua abordagem, seus processos de criação e sua materialidade. Pensar na possibilidade de texto em imagem nos leva a trabalhar com a idéia da escrita apropriando-se de outros códigos que não somente os lingüísticos. Sabemos que ao refletirmos sobre a intenção do artista, promovemos uma inter-relação entre a obra e o espectador. Sendo assim, também trazemos para a sala de aula fazeres mais poéticos.

Pensar em textos imagéticos nos leva a pensar no sentido plural das produções artísticas discutidas na contemporaneidade e, conseqüentemente, na desconstrução da idéia de categoria de valor das diferentes manifestações artísticas e culturais, como o design, a arte popular, o grafite e, também, no aspecto efêmero de algumas produções em Artes Visuais, como as instalações e interferências nos espaços públicos.

O fazer artístico com foco na consciência do que se elabora nos permite provocações que despertam a sensibilidade e novas formas de pensar, tanto de quem o realiza, quanto de quem o aprecia. Na verdade, neste momento, percebemos a possibilidade poética desses fazeres em sala de aula pois, permitimos que o conhecimento em Artes Visuais se realize sempre na busca de novas representações simbólicas a partir da valorização das inúmeras e diferentes experiências e vivências estéticas que transitam na escola promovendo o diálogo cultural entre os grupos envolvidos na proposta intercultural defendida nas discussões contemporâneas do ensino de arte.

Ao trazer para o cotidiano da escola essas reflexões sobre produção artística, abrimos caminho para a consciência sobre preservação da nossa **Memória** e sua diversidade em diferentes tempos e espaços através do **Patrimônio Cultural e Artístico**, visando dessa maneira, sujeitos conscientes de sua história, numa inter-relação mais harmônica com o meio ambiente.

Elementos de visualidade

Os Elementos de Visualidade que dão origem aos códigos imagéticos — os plásticos (cor, linha, forma, textura, volume, espaço, movimento) e os referentes às novas tecnologias (enquadramento, foco, luz, e contraluz) — e estes às possíveis representações simbólicas, transformam-se ao longo da história, visto que estão intimamente ligados ao imaginário da época e da cultura onde se encontram inseridos. Conhecendo e contextualizando os códigos constituintes das imagens, o aluno torna-se capaz de criar novos significados construindo códigos e poéticas visuais relacionadas ao seu tempo, possibilitando a escrita de textos com imagens provocando no espectador maior consciência sobre os processos de criação e sobre o aspecto estético dessa produção.

Precisamos, então, refletir sobre materialidade e sobre suportes. Refletir sobre as linguagens tecnológicas como produtoras de imagem: a animação gráfica com programas e códigos próprios da computação gráfica; a fotografia artística com seus elementos específicos de enquadramento, foco e iluminação; o vídeo, no qual se insere o diálogo com outras áreas de conhecimento, num fazer coletivo com a cenografia, o roteiro e o áudio para a construção da imagem. Ressaltamos que para as práticas educativas, o foco de

análise situa-se com maior intensidade no olhar sensível de quem está por trás da máquina, na formação de sujeitos que se apropriam de suportes técnicos para criação de textos visuais e artísticos, sujeitos curiosos, provocados esteticamente, pesquisadores e autores de suas produções imagéticas.

Eixos metodológicos

Pensar em escola com ciclos de formação é também ampliar as discussões que vêm sendo realizadas nos fóruns de pesquisa e debate sobre educação. O ensino de Artes Visuais já pensa, realiza e produz conhecimento nessa perspectiva. Cabe ao professor mediar os seus processos de ensino, planejando coletivamente com a comunidade escolar, avaliando todo esse processo e promovendo em suas práticas **EIXOS METODOLÓGICOS** que visem:

▶ a fruição do espectador como apreciação e leitura interpretativa, a partir do contato com as expressões artísticas produzidas ao longo do tempo em diferentes lugares, por culturas diversas em diferentes suportes, possibilitando assim, a leitura e a apreciação estética das produções realizadas pelas linguagens visuais;

▶ a contextualização histórica, social e cultural, pela abordagem da análise crítica das produções artísticas em Artes Visuais, na perspectiva da produção de imagem realizada ao longo da gênese humana, suas implicações sociais em decorrência dos avanços tecnológicos, e sua evolução ao longo das transformações historicamente constituídas;

▶ o fazer poético das produções em sala de aula, através da elaboração de práticas artísticas que possibilitem a experimentação lúdica, o desenvolvimento da imaginação criadora e a construção de trabalhos artísticos com apropriação dos códigos de visualidade na perspectiva da escrita de textos imagéticos e que tenham sentido e significado para quem os produz.

Objetivos para os ciclos

Propõe-se, então, a articulação dos conhecimentos da linguagem visual e que os objetivos de ensino possam transitar progressivamente nos três períodos do ciclo de maneira a atender as diferenças existentes.

1º CICLO DE FORMAÇÃO

- Desenvolvimento da percepção sensível e da imaginação criadora.
- Apreciação e leitura interpretativa das produções artísticas.
- Desenvolvimento da percepção dos elementos plásticos e visuais.
- Leitura sensível das diferentes manifestações artístico-culturais.
- Realização do fazer artístico pela experimentação lúdica e pela expressão criadora.

2º CICLO DE FORMAÇÃO

- Leitura crítica, com olhar estético e ético das imagens veiculadas pela mídia e pela indústria cultural, observando-se a intencionalidade dessas imagens.
- Leitura sensível e apreciação estética (fruição) das diferentes produções em Artes Visuais, reconhecendo e valorizando o seu caráter temporal e atemporal, assim como, a sua perspectiva plural, multicultural e contemporânea.
- Conhecimento dos elementos de visualidade: os plásticos e os referentes às novas tecnologias, pela leitura de imagens e análise das produções artísticas.
- Ampliação dos conhecimentos na área de Artes Visuais através da escrita imagética.
- Apropriação da linguagem visual para o fazer artístico contextualizado e criativo, em interface com as novas visualidades.

3º CICLO DE FORMAÇÃO

- Desenvolvimento da leitura imagética de forma contextualizada, reflexiva e crítica, possibilitando ao aluno a fruição e produção de textos imagéticos.
- Percepção e reflexão sobre o caráter efêmero, plural e multicultural da estética visual contemporânea.
- Apropriação dos conceitos e conteúdos da linguagem visual, em seus aspectos semânticos, sintáticos e expressivos na perspectiva da alfabetização visual.
- Desenvolvimento da consciência crítica, relativa a preservação da Memória e à valorização do Patrimônio Cultural e Artístico numa inter-relação mais harmônica com o meio ambiente.
- Realização do fazer artístico de forma intencional e apropriada a partir dos códigos de visualidade: os plásticos (cor, linha, forma, textura, volume, espaço, movimento) e os referentes às novas tecnologias (enquadramento, foco, luz e contraluz), possibilitando o domínio conceitual e poético em suas produções.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte: Anos 80 e Novos Tempos. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. Arte-educação: leitura de subsolo. Cortez: São Paulo, 2001

_____. (org.). Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte – 3º e 4º ciclos. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília (DF): MEC, 1998.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais. Secretaria da Educação Fundamental Brasília (DEF): MEC, 1998.

FREIRE, Madalena org. Observação, Registro e Reflexão - Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

_____. Pedagogia do oprimido. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Pedagogia da Autonomia. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FUSARI, Maria F. de Rezende et alii. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

GIL, José. Movimento total: o corpo e a dança. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 2001.

HERNANDEZ, Fernando y Ventura. La organizacion del currículum por proyectos de trabajo, Graó/ICE de La Universidad de Barcelona: Barcelona, 1992.

MARTINS, Mirian Celeste F. D., PICOSQUE, Gisa, GUERRA, M. Terezinha T. G. Didática do ensino da Arte: A língua do mundo - Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste org.. Mediação: provocações estéticas. Universidade estadual paulista: São Paulo, 2005

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Freitas Bastos: Rio de Janeiro, 1971.

MOREIRA, Antônio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 2002.

MULTIRIO. Cadernos Pedagógicos. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vigotsky. Aprendizagem e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

PILLAR, Analice Dutra org.. A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SANTAELLA, LÚCIA. A leitura fora do livro. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.pucso.br/~cos-puc/epe/mostra/dantaell.htm>. Arquivo capturado em 2003.

SANTANA, Aarão Paranaguá. Visões da Ilha - *Apontamentos sobre Teatro e Educação*. 1ª ed. São Luis: By Autor, 2000.

SCHILLER, Friedrich. Educação Estética do Homem Numa Série de Cartas. São Paulo: Iluminuras, 1995

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO. Rio de Janeiro, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. Anais – I Seminário Integrado da DEF, RJ, 2003

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WERNER, Jairo. Saúde e Educação. Desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.



RIO



PREFEITURA

EDUCAÇÃO